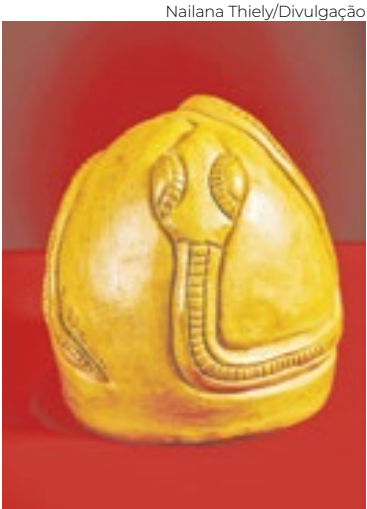




Lise Lobato, Sem Título, da série Guizo da Serpente (2025)



Wira Tini, A Força da Mãe (vídeo), 2022



Lise Lobato, Sem título

feminino



Auá Mendes, Agawara-itá Mukatúru - As Encantadas (2024)



Diná Oliveira, Continente (2024)

“A Amazônia é o verdadeiro ventre do Brasil e do mundo. Não é paisagem: é experiência imagética, memória, símbolo e linguagem”

SISSA ANELEH

um repertório simbólico ligado a nascimento, transformação, espiritualidade e ciclos da vida. Na série “Revoltosas”, Cristiane Martins constrói figuras escultóricas atravessadas por mitologias indígenas, feminilidade ancestral e forças associadas à floresta. A matéria deixa de funcionar apenas como suporte para se tornar depósito de memória e elo entre tempos distintos.

Em “Gravura Feminina”, a impressão passa a ser instrumento de identidade e permanência. As xilogravuras de Elieni Tenório investigam o corpo feminino, seus limites e sua ocupação do espaço social. Maria Auxiliadora Zuazo aproxima

feminino, natureza e liberdade em figuras híbridas, enquanto Elaine Arruda explora texturas, abstrações e densidades. A gravura surge, assim, não apenas como técnica, mas como registro da presença das mulheres na história artística da região.

A pintura domina “Amazônia Pictórica”. Elieni Tenório volta a aparecer, desta vez em trabalhos voltados para identidade e subjetividade. Nina Matos percorre memória, deslocamento e afetividade, enquanto Sanchris trabalha paisagens simbólicas relacionadas à reconstrução e à diversidade do corpo feminino. Rita Loureiro, Lise Lobato, Bárbara Savannah, Rafaela

Moreira, Auá Mendes e Wira Tini ampliam esse repertório com obras atravessadas por espiritualidade, cotidiano, pertencimento e identidade amazônica.

“A Amazônia não é paisagem: é experiência imagética, memória, símbolo e linguagem”, sintetiza Sissa.

O corpo assume o protagonismo no núcleo “Performáticas”. Nas fotoperformances de Renata Aguiar, mitologias femininas e espiritualidades ancestrais retornam como elementos de uma investigação sobre o território. Keila-Sankofa trabalha identidade, memória e ancestralidade a partir da ideia do corpo

como arquivo vivo. Já Lúcia Gomes, na série “Mênstrua, Monstro, Monstra, Mostarda”, transforma o corpo feminino em espaço político e discursivo, confrontando tabus e silêncios. Rafa Bqueer, Val Sampaio, Rafaela Kennedy e Wira Tini completam um segmento em que gesto e presença são tratados como formas de resistência.

Ao atravessar esses quatro eixos, a exposição reúne questões de gênero, regionalismo, identidade nacional e diversidade sem buscar uma imagem homogênea da produção amazônica. A própria variedade de suportes e linguagens funciona contra essa simplificação. Ancestralidade indígena e afro-brasileira convivem com ativismo, tecnologia, afetividade e investigações biográficas.

Essa aproximação entre memória ancestral e tecnologia ganha outra dimensão no “Espaço Petrobras Amazônicas”. O ambiente utiliza realidade expandida, virtual e aumentada para permitir uma experiência imersiva com óculos 3D. O visitante pode percorrer imagens em 360 graus, assistir a um filme em realidade virtual e visualizar algumas das obras em ambiente expandido.

A participação do público também alimenta “Mensagem para a Amazônia”, obra coletiva em vídeo construída ao longo da itinerância da mostra. Visitantes são convidados a deixar registros sobre a importância da preservação ambiental, que passam a integrar o trabalho. A exposição oferece ainda obra tátil, audiodescrição e intérprete de Libras, além de visitas guiadas, encontros com artistas e lançamento de catálogo.

A dimensão formativa se estende a oficinas de economia criativa dirigidas especialmente à capacitação profissional de mulheres interessadas em áreas técnicas e artísticas das artes visuais. Para crianças e adolescentes, “Sons da Natureza” propõe uma experiência sensorial com réplicas de esculturas inspiradas em sementes e sons de animais do Marajó. Escolas e outros grupos também poderão participar de visitas mediadas durante a temporada.

Ao reunir gerações, linguagens e territórios distintos, “Amazônicas” procura inverter uma perspectiva recorrente: em vez de mulheres aparecerem como personagens de uma Amazônia observada por outros, são elas que elaboram suas próprias imagens do território. Da cerâmica à realidade virtual, do corpo à gravura, a exposição coloca essas artistas na condição de autoras de uma Amazônia que é simultaneamente memória, experiência presente e campo de invenção.

Ao reunir gerações, linguagens e territórios distintos, “Amazônicas” procura inverter uma perspectiva recorrente: em vez de mulheres aparecerem como personagens de uma Amazônia observada por outros, são elas que elaboram suas próprias imagens do território. Da cerâmica à realidade virtual, do corpo à gravura, a exposição coloca essas artistas na condição de autoras de uma Amazônia que é simultaneamente memória, experiência presente e campo de invenção.

SERVIÇO
AMAZÔNICAS: POÉTICAS FEMININAS
CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro)
Até 16/11, de quarta a segunda (9h às 20h) | Grátis